

**A IMPLICAÇÃO DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES
PSICOLÓGICAS SUPERIORES: ASSOCIAÇÕES A PARTIR DE VIGOTSKI****THE IMPLICATION OF ART IN THE DEVELOPMENT OF HIGHER
PSYCHOLOGICAL FUNCTIONS: ASSOCIATIONS BASED ON VYGOTSKY****LA IMPLICACIÓN DEL ARTE EN EL DESARROLLO DE LAS FUNCIONES
PSICOLÓGICAS SUPERIORES: ASOCIACIONES A PARTIR DE
VYGOTSKY**

Irina Pedrosa Negreiros¹
Ozaías Antonio Batista²
Karlla Christine Araújo Souza³

RESUMO

Neste artigo realizaremos uma leitura do pensamento de Lev Vigotski, a fim de realizarmos algumas considerações sobre o processo de criação artístico considerado como instrumento mediador de processos importantes para o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores (FPS). Trata-se de um estudo com embasamento teórico na revisão de literatura, fundamentado mais especificamente nas obras de Vigotski, “Psicologia da Arte” (1999) e “Imaginação e Criação na Infância” (2009), em conjunto com outros estudos do próprio autor. Aborda sobre o caráter dialético do método vigotskiano e aponta para a ruptura com as bases cartesianas em prol da necessidade de criação de uma perspectiva em ciência psicológica que estudasse e tivesse como base o contexto social em associação com o desenvolvimento humano geral. Constatamos que a imaginação e a criação se apoiam na realidade, então concluímos que o ato de criação em si é um ato de aprender a ser na realidade. Nesse sentido a arte se coloca como meio fundamental para desenvolver a materialização da fantasia, para dar vazão a linguagem interna do autor/criador que é construída a partir das significações sociais.

Palavras-chave: Arte; psicologia; desenvolvimento humano; imaginação.

ABSTRACT

In this article, we will explore the thoughts of Lev Vygotsky in order to make some considerations about the artistic creation process, regarded as a mediating instrument for important processes in the development of Higher Psychological Functions (HPF). It is a study grounded in a theoretical review of the literature, specifically based on Vygotsky's works, "Psychology of Art" (1999) and "Imagination and Creation in Childhood" (2009), along with other studies by the same author. The article discusses the dialectical nature of the Vygotskian method and points to a break from Cartesian foundations in favor of the need to create a perspective in psychological science that studies and is based on the social context in conjunction with overall human development. We observe that imagination and creation are

¹ Mestranda em Ciências Sociais e Humanas, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), <https://orcid.org/0009-0000-6476-4737>, irinapnegreiros@gmail.com.

² Doutor em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), <https://orcid.org/0000-0003-1351-9728>, ozaias@ufersa.edu.br.

³ Doutora em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), <https://orcid.org/0000-0002-3992-2163>, karllasouza@uern.br.

supported by reality, leading us to conclude that the act of creation itself is an act of learning to be within reality. In this sense, art serves as a fundamental means to develop the materialization of fantasy, allowing the internal language of the author/creator constructed from social significations to be expressed.

Keywords: Art; psychology, human development; imagination.

RESUMEN

En este artículo, exploraremos las ideas de Lev Vygotsky para hacer algunas consideraciones sobre el proceso de creación artística, considerado como un instrumento mediador para procesos importantes en el desarrollo de las Funciones Psicológicas Superiores (FPS). Es un estudio basado en una revisión teórica de la literatura, específicamente en las obras de Vygotsky, "Psicología del Arte" (1999) y "Imaginación y Creación en la Infancia" (2009), junto con otros estudios del mismo autor. El artículo discute la naturaleza dialéctica del método vygotskiano y señala una ruptura con los fundamentos cartesianos en favor de la necesidad de crear una perspectiva en la ciencia psicológica que estudie y se base en el contexto social en conjunto con el desarrollo humano en general. Observamos que la imaginación y la creación están respaldadas por la realidad, lo que nos lleva a concluir que el acto de crear en sí mismo es un acto de aprender a estar dentro de la realidad. En este sentido, el arte sirve como un medio fundamental para desarrollar la materialización de la fantasía, permitiendo que el lenguaje interno del autor/creador construido a partir de significados sociales sea expresado.

Palabras clave: Arte; psicología; desarrollo humano; imaginación.

INTRODUÇÃO

O estudo da arte aparece como um dos assuntos em que Lev Vigotski (1896-1934) se dedicou durante seu curto período de vida. Mais especificamente em 1925, sua obra “Psicologia da Arte” foi defendida como tese de doutorado e considerada como o primeiro momento de sua produção, como a primeira obra na qual traz alguns conceitos que mais tarde seriam aprofundados e delimitados em sua teoria (González Rey, 2018). Nesse primeiro momento, ele faz associações do encontro da arte com a psicologia, utilizando diversos autores para a discussão de forma dialética.

Silva e Magiolino (2022) retratam que Vigotski nasceu em Orsha – cidade bielorrussa – no território da URSS, o autor dedicou-se a estudar os aspectos do desenvolvimento a partir da perspectiva metodológica materialista histórica dialética de Karl Marx (Moreira; Sousa, 2022). Consideramos importante pontuar a geração, época e território no qual Vigotski viveu e desenvolveu a teoria, porque se faz essencial para que seja possível entender o contexto no qual a teoria em si foi desenvolvida, bem como suas bases metodológicas e filosóficas, a começar pela sua base no materialismo histórico dialético. Essa metodologia acompanha, inclusive, a própria forma na qual se organiza o seu discurso e sua escrita, como também suas referências e organização de pensamento.

Vigotski propõe que o ser humano deve ser compreendido em sua totalidade, contrapondo-se a ideia do sujeito fragmentado, propondo uma nova perspectiva de sujeito como um todo, ativo e em atividade em seu próprio desenvolvimento, tendo a *perezhivanie* (vivência) como um de seus conceitos base.

Ele compreende o funcionamento psíquico como uma unidade psíquica, entendendo unidade como um “conjunto ou união de fenômenos distintos, componentes heterogêneos ou distintos, portanto, diferentes, mas que não podem ser separados para sua compreensão” (Tuleski; Calve; Santos, 2021, p. 16). Assim, a realidade psíquica deve ser vista como a ligação entre os fenômenos de natureza diversas, opostas ou não, em um movimento constante de interdependência e atravessamentos. Uma característica primordial do método é a capacidade de atualização em movimento com a realidade, cuja matéria pressupõe a ideia. Portanto, neste artigo, temos a pretensão de partir da base do sujeito como total, não fragmentado, no qual as funções são desenvolvidas em conjunto.

Em “Psicologia da Arte”, Vigotski (1999) colocará sobre a atmosfera artística, apresentando novas metodologias para analisá-la e abordando problemáticas do que considera arte e sua produção. É interessante pensar que essa obra foi uma de suas primeiras, como aponta Gisele Toassa (2009), portanto, alguns conceitos psicológicos ainda não aparecem nessa obra como aparecem em *Imaginação e Criação na Infância* (2009). Os objetivos das obras também eram diferentes, já que o último foi construído como uma forma de orientação para professores, como está no próprio prefácio da edição citada. Nesse sentido, aqui se fará um paralelo entre as considerações do pensamento vigostkiano presentes em suas obras, para além das que já foram citadas, como “*Imaginação e Criação na Infância*” (2009), pensando a implicação nos signos sociais, na formação de conceitos e nos afetos. Vigotski (1999) também conversa com diversas teorias de outros estudiosos da arte, demonstrando o caráter dialético do método.

Com essa discussão, este artigo tem como objetivo expor algumas considerações sobre a arte na perspectiva vigostkiana, apontando-a como instrumento mediador de processos importantes para o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores (FPS). Trata-se de um estudo com embasamento teórico na revisão de literatura, fundamentalmente nas obras de Vigotski, mais especificamente em “*Psicologia da Arte*” (1999)ⁱ e “*Imaginação e Criação na Infância*” (2009)ⁱⁱ em conjunto com outros estudos do próprio autor e demais autores que dialogam com essa perspectiva.

O MÉTODO E AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORESⁱⁱⁱ

Antes de adentrar nos aspectos da arte no desenvolvimento humano, mais especificamente no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, compreendidas como atenção, pensamento, linguagem, emoções, funções executivas, entre outras, consideramos importante pensar como a unidade psíquica é composta e analisada, para que seja possível compreender a abordagem.

Constituir-se sujeito é aprender a ser no mundo, o desenvolvimento é um processo de aprendizagem em si. Nele, as Funções Psicológicas Superiores são aprendidas e internalizadas a partir do que se tem como base biológica, funções psicológicas elementares e o meio social, histórico e cultural. Os significados sociais acontecem na mediação da vivência no mundo por meio da palavra como instrumento. Portanto, o processo de desenvolvimento da consciência como função organizadora é a internalização dos signos e significados elaborados socialmente. Assim o sujeito desenvolve suas funções, das mais basilares às demais funções, já que são organizadas umas a partir das outras. (Moraes; Solovieva; Borges, 2023).

A cada crise do desenvolvimento humano se supera continuamente as crises anteriores, em movimento de transformação e criação, ampliando as possibilidades (Tuleski; Calve; Santos, 2021). Nesse processo as funções elementares não são anuladas ou superadas completamente, mas são integradas. Sua gênese é social, vai do interpsicológico ao intrapsicológico (Akhutina, 2002).

Outro ponto sobre o desenvolvimento das FPS é: não são desenvolvidas e nem trabalham isoladamente, elas são co-dependentes, de organização sistêmica (Akhutina, 2002). Isso quer dizer que, ao longo da evolução da espécie (filogênese), o desenvolvimento do ser humano (ontogênese) se organizou em uma totalidade. Isto é, o ser humano como um ser indivisível (Tuleski; Calve; Santos, 2021).

Nesse sentido, Vigotski analisa as funções psíquicas rompendo com as bases cartesianas rumo à necessidade de criação de uma perspectiva em ciência psicológica que estudasse e tivesse como base o contexto social em associação com o desenvolvimento humano geral, a partir do método de análise que considera a unidade um complexo conjunto de partes indivisíveis que se formam ao longo da sua ontogênese e filogênese (Tuleski; Calve; Santos, 2021). Propõe analisar os fenômenos da atividade psíquica para além da sua dissociação, descrição e sintomas, e dispendo a questionar e

analisar quais as bases, as condições e em que momento do desenvolvimento se desenrolam. Ao tomar isso como partida, a experiência se mostra como principal ponto de partida para o desenvolvimento da atividade e humanização do ser humano, desenvolvendo numa dança conjunta dialética entre passos opostos e interdependentes para a fidelidade da coreografia.

O desenvolvimento se demonstra exatamente nesse processo, o que Vigotski (1995) descreverá como do interpsicológico ao intrapsicológico, já que é através da cultura que humaniza, os signos psicológicos e generalizações se demonstram como ponto crucial nesse movimento (Marangoni; Rossi; Anauate, 2012). Ao entrar em contato com o outro, a partir dele vou significando o eu, a realidade e essa relação. Desse modo, as relações sociais se apresentam ao passo que constroem a realidade e constituem o sujeito em si mesmo.

As origens da formação das Funções Psicológicas Superiores estão nas próprias relações sociais que o sujeito vai criando com seu meio externo, numa relação ativa e em um processo contínuo de criação (Luria, 2017). O sujeito é ativo no seu próprio processo de desenvolvimento. Nessa proposta de uma nova psicologia, criada por Vigotski, na qual o objeto de estudo principal se faz a própria consciência humana, o desenvolvimento humano é considerado como mediado e instrumental (Lucci, 2006). A linguagem, por exemplo, é um instrumento do pensamento, que media a relação do sujeito com o meio, como também serve como instrumento mediador do seu próprio processo de constituição de si (Lucci, 2006). Se a arte é uma forma de linguagem, ela pode ser um instrumento mediador da relação sujeito-meio-mundo. Ou, numa relação singular-particular-universal (Oliveira, 2005).

Na tentativa de integrar o significado ao sentido pessoal, o que se configura um processo de aprendizagem e de criação, a expressão artística pode ser um meio para a construção de sentido com base nos significados. A partir do que é colocado como generalização, como externo e relação, é possível construir, no fazer artístico, o sentido que essa realidade adquire para o sujeito. Se a imaginação e, portanto, a criação, apoiam-se na realidade (Vigotski, 2009), é possível que o ato de criação em si seja um ato de um aprender a ser na realidade. isto é, a construção própria de si e a construção da realidade que envolta é um agir sobre si ao passo que age sobre o mundo.

Falamos sobre significados e sentido, porque estes aparecem como possibilidade de relação e principal instrumento utilizado pelo ser humano, colocando em atividade o grande engenho das funções e constituição da consciência.

É através desta interiorização dos meios de operação das informações, meios estes historicamente determinados e culturalmente organizados, que a natureza social das pessoas tornou-se igualmente sua natureza psicológica (LURIA, 2017, p.27).

A internalização permite a integração das Funções Psicológicas Elementares em Superiores. É por isso que Vigotski afirma que “na estrutura superior o signo e seu modo de uso é o determinante funcional ou o foco de todo o processo” (VIGOTSKI, 2000, p. 123, tradução nossa). Ou seja, deve-se levar em conta o modo como o signo social será internalizado em determinados significados e a forma como o sujeito se apropriará deles para o uso. É assim que a “palavra” toma um foco tão importante no desenvolvimento.

Se ampliarmos o conceito e a função da palavra, podemos ver que o processo artístico se elabora e concretiza alguns desses significados que podem não estar na ordem do verbal ou até no âmbito consciente. O que nos leva a uma compreensão das Funções Psicológicas Superiores como aspectos centrais na determinação dos movimentos dialéticos durante a constituição da unidade psíquica, em que suas partes formam um todo indivisível, como a forma e o conteúdo, aspecto que Vigotski (1999), por exemplo, também postulará para explicações a respeito da arte. Nesse sentido, a estrutura superior se modifica rumo a diferenciação, ao entender as especificações de cada uma e sua função na formação da unidade (VIGOTSKI, 2000). O se quer dizer aqui, é que as FPS são desenvolvidas a medida em que o sujeito vai entrando em contato com essa realidade. Ao mesmo tempo em que vai ficando mais evidente o aparecimento dessas funções e sua diferenciação, torna-se patente a interdependência entre umas e outras. Elas vão ganhando entornos, à medida que umas e outras são desenvolvidas. É muito coerente, atrelado a esse movimento descrito por Vigotski (2000), que ele venha a classificar a formação de conceitos^{iv} a partir também da diferenciação, da possibilidade de pensar para além do que está posto pelas imagens externas, da criação de uma imagem interna (VIGOTSKI, 1999).

O desenvolvimento vai acontecendo na possibilidade de abstração, da superação do pensamento por complexos, da habilidade de criação de uma nova coisa, da possibilidade de imaginação, de fantasia, de instrumentalização dos objetos, como também, da plasticidade cerebral. A plasticidade seria a própria capacidade que o cérebro tem de percorrer novos caminhos e trilhas mentais, conservando suas características, como “a propriedade de uma substância que permite que ela seja alterada

e conserve as marcas dessa alteração” (VIGOTSKI, 2009, p. 12). Ou seja, para além da capacidade de reprodução de comportamentos – a tendência à reprodução de trilhas mentais, associações, caminhos e comportamentos já conhecidos pelo cérebro – há, ainda, uma outra forma de atividade mental que se caracteriza como a atividade criadora e imaginativa. Permitindo que se crie combinações ou reelaborações a partir do que já se tem como referência. Para Vigotski, a plasticidade é um dos pressupostos para a criação e desenvolvimento.

É exatamente aí que se pode associar com a criação artística. A criação da peça artística se realiza nesse movimento de instrumentalização dos objetos para a materialização da fantasia arquitetada pela capacidade imaginativa, dando vazão aos sentimentos – uma das características da experiência artística (Vigotski, 1999). Como também, materializando as imagens internas criadas e formuladas a partir da vivência em um mundo que é externo e interno. Nesse sentido, pensaremos a imaginação, a criação, a arte e sua relação com a superiorização das funções psicológicas, com o próprio desenvolvimento humano e como a criação pode ser fundamental no processo de apropriação do mundo, dos signos, do processo de construir a si mesmo, de elaboração das fantasias e a atribuição de sentido a partir dessas elaborações (VIGOTSKI, 1999).

IMAGINAÇÃO, CRIAÇÃO E ARTE: COMO ESTÃO ASSOCIADAS AO DESENVOLVIMENTO?

Para Vigotski, o ser humano aparece como ser social, produto e produtor da realidade, desenvolvendo-se a medida em que entra em contato com a realidade material. As Funções Psicológicas Superiores, em sua filogênese, diferenciam o ser humano das demais espécies ao passo que desenvolve a capacidade de abstração, pensamento verbal, linguagem e instrumentalização de materiais que possibilitem a criação de uma nova coisa (TULESKI; CALVE; SANTOS, 2021). A criação, capacidade de mediação e imaginação, portanto, são um dos pressupostos da humanização, a arte humaniza.

A partir do ser produtor e ativo em seu próprio processo de desenvolvimento, a arte se coloca como peça fundamental nessa discussão. No seu próprio curso de vida, o sujeito se utiliza de instrumentos, materiais brutos pré-existentes para a produção de uma nova coisa. Essa atividade de criação e utilização dos instrumentos para mediação interna é entendida como o trabalho, o processo de transformação da natureza à medida

que transforma a si mesmo (Marx, 2013). Podemos compreender, porém, o processo de elaboração da arte como forma de instrumentalização e de utilização não só de signos sociais, mas de vivências e sentidos pessoais que não necessariamente aparecem conscientemente. A atividade de criação da arte se constitui de maneira inseparável entre forma e conteúdo, uma vez que conversam entre si, introduz-se sentimentos, vivências conscientes e inconscientes, mantendo uma relação com a vida de forma elevada (BARROCO; SUPERTI, 2014).

A mesma questão é abordada por Gonzalez Rey (2018, p. 341) em que “Vygotsky avança uma representação teórica de motivação apoiado no conceito de *perezhivanie* como um estado emocional do criador que qualificava a performance para além de qualquer propósito consciente”. A arte estaria, necessariamente, envolvida no processo de imaginação, fantasia e emoções.

Em “Imaginação e Criação na Infância” (2009) os principais aspectos da unidade psíquica aparecem implicados no processo de criação do sujeito, trazendo à tona a habilidade de plasticidade do cérebro humano, com a possibilidade do novo, da imaginação e produção de uma nova coisa. Por isso mesmo que, no tópico anterior, trabalhamos sobre a unidade psíquica e as funções. As funções se desenvolvem à medida que o sujeito se movimenta e a imaginação também.

Considerando a historicidade em movimento, a experiência vivida é grifada como condição principal e primeira lei para a imaginação e criação (2009). Ou seja, quanto mais vivências e experiências, quanto mais elementos da realidade o sujeito entrar em contato, mais subsídios reais terá para a criação de uma nova fantasia. Por mais fantástica e fantasiosa que seja, baseia-se em elementos da realidade e das vivências. A imaginação é uma forma específica dos seres humanos de atividade da consciência, e a consciência fundamenta-se na ação (VIGOTSKI, 2008).

Mesmo que a criação, porém, tenha seu potencial a partir da experiência, arquitetando-se a partir de referências, a combinação criada na atividade combinatória não se encontra no real. “A fantasia não se opõe à memória” (Vigotski, 2009, p. 23), mas as duas andam juntas, superando, de uma certa forma, o que se tem como realidade. É assim que se cria a ciência, as técnicas, as teorias, a arte. No caso da arte, para além da criação a partir do real, encontra-se também a possibilidade de *perezhivanie*, da *vivência* artística, que não necessariamente diz de experimentações de sentimentos, potencialidades conscientes, mas também inconscientes^v.

A fantasia vem, porém, não só da realidade, mas em como essa realidade é vivenciada, como o sujeito é inserido e se insere nela, como percebe, vê, pensa e se afeta a partir da realidade. Essa realidade, portanto, reúne também o lugar social no qual o sujeito está inserido, das categorias sociais, tais como a classe social, a identidade de gênero, sexualidade, território, idade e os demais lugares sociais a partir do qual se forma o sujeito e é formado por ele. Assim como realidades relacionadas à análise da microgênese, como organização familiar, posição na dinâmica familiar ou escolar, e as mediações iniciais, como importantes para a formação a vivência dessa realidade. Todas essas questões vão estar inseridas no que se considera como a relação entre o sujeito e a realidade. Assim, vão estar também no repertório que o sujeito cria a partir dessa realidade na imaginação para a criação.

Tal compreensão não pretende restringir o potencial criativo da imaginação, na medida em que ela é compreendida enquanto uma função da mente (PITTA, 2017) voltada à leitura e criação de imagens. Mesmo com esse potencial criador, a imaginação também pode operar na reprodução de imagens (BACHELARD, 2009), ou seja, a imaginação pode assumir essa dupla função: criação imagética, a partir do potencial criativo do sujeito, ou apenas mimetizar imagens a partir da relação psíquica do sujeito com os elementos da realidade apreendida.

Porém, aproximamos a discussão aqui apresentada do potencial criador da imaginação, sabendo que a criação imaginária não se restringe apenas às simples reproduções imagéticas, ela também pode se dar em processos mais complexos, como na criação de um novo cenário fantasioso a partir de histórias imaginadas, em que o narrador não necessariamente viveu objetivamente a história, mas se viveu a experiência de escutá-la e ser impactado por ela, a partir dessa situação mais complexa, pode se criar novas fantasias.

É atrelado à essa prerrogativa, que Vigotski fará sua comparação de como a uva está para o vinho, a arte está para a vida, de forma que para além de capturar o material da realidade, a criação da peça e do processo artístico supera essa realidade, porque acessa a relação que esse sujeito mantém com as vivências, conscientes ou não (VIGOTSKI, 1999).

Isso porque a imaginação criadora põe o sujeito, a partir do contato deste com a imagem, em estado ativo, de invenção, e não em condição estática, de reprodução do conteúdo imagético apreendido (BACHELARD, 2009). De modo que o senso do real

detido pelo sujeito é ampliado por meio dessa relação imaginária criativa, pois o que é apreendido psiquicamente se torna conteúdo a ser criado através do imaginário.

Mesmo que essa perspectiva imaginária esteja aproximada da realidade, a imaginação, em todo o seu potencial criador, não está submissa ao racionalismo. E essa não subserviência ao racionalismo é responsável por classificar a imaginação enquanto “louca da casa” para a filosofia e a ciência moderna (DURAND, 2014; 2002). Contudo, esse mesmo pensador argumenta:

Longe de ser o resíduo de um déficit pragmático, o imaginário apareceu-nos... como a marca de uma vocação ontológica. Longe de ser epifenômeno passivo, a aniquilação ou então vã contemplação de um passado terminado, o imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora... (DURAND, 2002, p. 432)

Enquanto vocação ontológica do sujeito que estabelece uma relação imaginária do com a realidade apreendida, esta pode se tornar elemento onírico, trazendo conteúdos imagéticos que darão vida às imagens criadas. Vigotski (2009) também aponta:

Nesse sentido, a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humanos. Ela transforma-se em meio de ampliação de experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. (Vigotski, 2009, p. 25)

É aí também que a arte tem um papel essencial para a segunda lei da imaginação, ao entrar em contato com uma obra de arte, como uma peça audiovisual no cinema, uma fotografia, a própria narração de uma história em texto, são subsídios suficientes para a criação de novas fantasias a partir dessa experiência, do que já se viveu e da relação que se mantêm essas duas vivências, possibilitando a criação de uma nova coisa. A experiência social ou do outro, quando contada ao sujeito, pode ser subsídio para que ocorra uma relação fantasia e realidade (Vigotski, 2009).

Outro ponto importante quanto ao desenvolvimento da imaginação e a criação de fantasias é a sua fundamentação afetivo-volitiva, ou seja, os sentimentos estarão fundamentalmente implicados no processo de criação. Ao longo das experiências vividas, o ser humano vai desenvolvendo em conjunto com as demais funções sua base afetiva, sendo inerente a qualquer atividade como, por exemplo, na formação de necessidades e motivos que são partes essenciais do motor para a atividade humana.

Vigotski argumenta que mesmo que a obra de arte seja produto do que se tem como realidade, está impresso ali a vivência do autor, ou seja, uma cópia infiel por essência (VIGOTSKI, 1999).

Na imaginação e na criatividade não é diferente, a base emocional está, não só fortemente implicada, como configura a estrutura das vivências humanas, inclusive a de criação. É assim que as próprias imagens criadas na fantasia, de alguma forma, dão vazão aos nossos sentimentos, como forma de expressar-se (VIGOTSKI, 2009). A produção artística representa materialmente a elaboração dessas experiências, a produção material da fantasia, que diz das vivências mediante um coletivo. O material da fantasia representa uma combinação de elementos entre os sentimentos suscitados pelo estado de ânimo e a representação de certas imagens atribuindo significados que dizem respeito a uma linguagem interna e aos signos gerais.

Reciprocamente, a fantasia e os sentimentos desenvolvem-se uma em relação íntima com a outra. É por isso que as obras de arte nos impactam e implicam sentimentos e sensações, justamente porque está sendo exposto uma fantasia, esta que também diz respeito aos signos sociais, às generalizações e a tempo histórico e material que a partir daí são criadas. Sobre isso, Vigotski (2009) aponta que, mesmo quando sabemos que a história em si possa ser fictícia, como em um filme, ou uma peça teatral, os sentimentos ali expressos, os significados sociais expressos, inquietam e contagiam porque realmente são sentidas com profundidade na própria realidade.

Se as obras de arte influem em nosso mundo interior, de forma que tenha força sob os sentimentos e as ideias no âmbito transformador, esta tem um peso tão importante quanto os instrumentos técnicos e práticos da realidade. Logo, a fantasia se conecta as ideias e a realidade de forma recíproca e transformadora da nossa atividade, esta que influirá no mundo (Vigotski, 2009). Dessa forma, tem-se que a arte age sob e sobre uma consciência social, ou seja, imprime-se através dos conceitos internalizados de uma realidade sob a consciência de um modo coletivo na sociedade. Por si, a obra de arte, produto da fantasia pela imaginação, imprime sentidos, combinações, comparações, contradições e padrões observados e vividos pelo criador no mundo real.

A partir das impressões que se tem dos materiais reunidos através das vivências, é que serão compostas as dissociações e associações feitas pelo sujeito. Nesse sentido, ao passo que o homem percebe as coisas para além delas se apresentam naturalmente, ou seja, sabendo dissociar certas partes deste, é que se constrói as dissociações que constituirão o pensamento e a percepção. Isto é, enquanto o sujeito dissocia, ele constrói

sua capacidade de formação de conceitos. Esse desenvolvimento não está dissociado com o processo de linguagem e pensamento, muito pelo contrário, essas funções encontram-se em relação dialética entre si e o mundo, formando o desenvolvimento do sistema psíquico como um todo.

Durante esse processo, Vigotski (2009) argumenta que a associação dos rasgos dissociados e a transformação desses materiais psíquicos, são o segundo passo do complexo processo do desenvolvimento da imaginação. Ele aponta que a supervalorização e o exagero produzidos pelas crianças em cima desses materiais, são fundamentais para o processo de criação através da imaginação. Assim, os contos criados, as ficções fantasiosas, os seres extraterrestres nas narrativas, a grandiosidade de um super-herói e a magia do ballet importam aspectos dessa transformação dos materiais, ou seja, o desenvolvimento do pensamento abstrato articulado por ações fundamentais ao sistema psíquico como a imaginação e a criatividade em consonância com o pensamento, a consciência e a linguagem. É possível perceber, por exemplo, que dentre as formas de criação da arte, a linguagem a ser utilizada para transformar conceitos e significações sociais são diversas e dependem diretamente do material que se transforma, a forma pretendida e como se relaciona com sua história de vida.

A partir disso, o processo de imaginação não se finaliza na reunião, estruturação e transformação das imagens, somente na materialização da criação em imagens exteriores, como na obra de arte, seja qual for seu formato. A criação então, surge a partir do movimento, da mudança, da dissociação, das necessidades formadas ao longo do desenvolvimento geral.

CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA “PSICOLOGIA DA ARTE”

Ao referir-se à obra de arte ao longo de Psicologia da Arte, Vigotski (1999) retratará o enquadro da concepção de arte tida até então. Nesse contexto ele aponta para a visão dualista que se tem diante do que se considera constituinte de uma obra artística. Como, por exemplo, a separação entre forma e conteúdo, aspecto no qual é possível perceber suas aproximações com a concepção de realidade predominante em sua época: a tendência na ciência de se observar o ser humano pela ótica cartesiana e mecanicista, separado por partes, mente e corpo como partes analisadas separadamente.

Pode-se tomar como exemplo, a análise das funções mentais que, sob prerrogativa de uma análise científica e “fidedigna”, separam-se as habilidades como

pensamento e emoção em dois opostos que somente se cruzam em momentos específicos. Contrário a isso, Vigotski proporá uma análise sob a prerrogativa de um método que considerará as funções psíquicas como unidade de partes indivisíveis e sua relação direta com a realidade material. Da mesma forma, o autor colocará que a arte e a forma conversam necessariamente de forma dialética, intrínseca uma à outra e por isso não devem ser analisadas separadamente.

Assim, arte se coloca como parte de um contexto econômico, cultural, político e material. Ao invés de se observar a obra de arte como impressão psíquica individual do autor, Vigotski (1999) propõe que, ao observá-la, é possível enxergar imagens criadas pelo autor que imprimem seus vários âmbitos de atividade em uma realidade que se apresenta material e histórica, assim:

Se admitirmos uma lei em nossa vida psicológica, devemos forçosamente incorporá-la à explicação do influxo da arte, porque esse influxo sempre ocorre em relação a todas as outras formas da nossa atividade (VIGOTSKI, 1999, p. 23).

O que se está impresso na obra de arte tampouco é puramente singular, mas imprime a forma de se colocar no mundo, ao mesmo tempo que revela um pouco desse mundo sendo vivenciado. Imprime em si o social, em todos nós constitui-se um pouco de singular e universal, denunciando as particularidades, ou seja, as mediações entre um e outro.

Ao compreendermos as leis da imaginação, por exemplo, é possível visualizar esse ponto, no qual a criação é dependente da experiência e esta pode ser produto da descrição de experiências de outrem, ou seja, configurando também uma forma de vivência e indicando a implicação das significações sociais.

Ainda sobre isso, é nesse ponto em que refuta a ideia proposta por Freud que considera a possibilidade de se analisar psiquicamente o criador a partir da criação, porém desconsidera as implicações da estética social, dos condicionamentos culturais aos quais estão submetidos a obra. Vale ressaltar que a obra artística é uma forma de externar imagens interiores fruto de uma linguagem, mas o que está sendo posto aqui é que essa linguagem própria interior e essas imagens formadas são criadas a partir da relação com os significados e signos sociais, com a própria realidade e com a atividade de ser no mundo.

Nesse sentido, em consonância com o método materialista dialético, a arte é considerada a partir de Vigotski como técnica social do sentimento, como estética que foi construída a partir da história do desenvolvimento social. A arte se dá início onde começa a forma, isto é, a vivência e a experiência da atividade na realidade é o ponto de partida para a emoção da forma. A estética está inscrita justamente nesse processo, na criação da obra a partir da capacidade de abstração dos elementos presentes na vivência, no desenvolvimento e na história (Vigotski, 1999).

Vigotski (1999) também considera o que coloca Tolstói sobre arte, contrapondo sua ideia e colocando que a arte não é somente um meio de contágio, muito menos deve ser analisada em sua essência por uma perspectiva moralista ou sua capacidade de contágio, haja vista que os impactos nas pessoas são muito diversos pela capacidade de acessar subjetividades completamente parciais contornadas pelos aspectos afetivos e da consciência (Vigotski, 1999, p. 304). O que nos leva a outro ponto importante, então o que nos suscita a arte? Qual função ela desempenha?

Vigotski afirma que a reação estética implica suscitar sentimentos reais de uma forma elaborada, ele coloca que em sua manifestação externa de imagens internas da fantasia, a vivência da arte é uma vivência inteligente e elevada, ou melhor, superior. A arte se encontra como meio potente e de forma única a suscitar uma vivência específica de sentimentos antagônicos, opostos, contraditórios e dialéticos. O material e a forma se encontram nessa relação descrita por último, ou seja, nessa contraposição quase que caricata de sentimentos que não conseguem ser descritas em nenhuma outra atividade humana como na vivência da arte (Vigotski, 1999, p. 270).

Em sua própria essência, a arte envolve a transformação do material em forma com conteúdo de significações sociais e sentido próprio nas relações antagônicas da vida em si. Quase como aquele ditado popular no Brasil “pegamos o limão e fazemos uma limonada”, aqui é possível observar com muita clareza o que se coloca: o limão, fruto azedo e tomado aqui como representação de uma problemática e uma questão, é colocado como material essencial para se produzir algo doce, âmago de prazer, e, ainda assim antagônico, oposto, que tem em sua matéria e essência a problemática. Assim, é possível observar como a partir do material, muda-se a forma rumo a conteúdos e formas antagônicas, produzindo um sentido em si mesmo. É nessa elaboração de vivências importantes que o sujeito encontra vazão de emoções específicas na reação estética. Na criação que se supera o sentimento, que tem capacidade de se dar “solução” a ele, de estruturá-lo e propor uma nova coisa.

E mesmo nesse movimento tão íntimo, encontra-se o social, pode –se dizer que é nesse segundo que se fecunda o primeiro. Ao passo que se cria, e nesse sentido fala-se do criador e expectador da obra, o ser humano se humaniza, complexificando-se ao passo em que as relações sociais se complexificam. Nesse sentido, é que Vigotski (2000) fala sobre o desenvolvimento genético cultural das funções psicológicas superiores, atribuindo que toda função aparece em plano duas vezes e a primeira vez é na relação social, ou seja, o significado precede o sentido, do plano interpsicológico ao intrapsicológico (Vigotski, 2000, p. 150).

Dessa forma, podemos relacionar essa mesma “fórmula” para a criação de uma obra artística, se ela é criada a partir de uma necessidade de reorganização, de reestruturação e de dar vazão aos sentimentos, é importante pensar que essa obra de arte tem uma ação social, já que o sujeito se constrói a partir das relações sociais, a arte se implica quando ganha forma, através da materialização da fantasia, ao que se foi suscitado pelas relações. Sobre isso:

A arte é antes uma organização do nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela.” (VIGOTSKI, 1999, p. 320).

Ou seja, a arte nos incita a algo, à criação, à mudança e ao movimento. Assim, a arte concentra aspectos significativos da existência humana, tem por fundamentação mediar a própria existência, como processo estruturante que também desestrutura. É possível lembrar de como Caetano Veloso (1942) enreda essa narrativa na música “Força Estranha” interpretada por Gal Costa (1979):

“Eu vi muitos homens brigando ouvi seus gritos
Estive no fundo de cada vontade encoberta
E a coisa mais certa de todas as coisas
Não vale um caminho sob o sol
E o sol sobre a estrada
É o sol sobre a estrada
É o sol

Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha
Por isso é que eu canto não posso parar
Por isso essa voz tamanha” (Veloso apud Costa, 1979).

A poética musical de Caetano Veloso ilustra como a arte tem potência na costura do tecido da própria existência, formando através da narrativa uma temporalidade, uma estrutura de experiências que foram importantes no âmbito da consciência, ressaltando a arte como instrumento essencial na mediação da vivência e na construção da personalidade. Aqui, a “força estranha” se mostra como a necessidade dessa vivência estética, como forma de constituição de si diante da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica claro ao longo das produções de Vigotski, durante a produção da sua teoria, a capacidade de atualização do próprio método materialista histórico dialético. Como a unidade psíquica é composta a partir do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, superando os elementares, caracterizando a diferenciação da espécie humana em comparação com outras espécies em sua filogênese. Uma das principais características desse processo é a capacidade de pensamento abstrato ou por conceitos, de criação e imaginação. Nesse sentido a arte se coloca como meio fundamental para desenvolver a materialização da fantasia, das imagens internas a partir das externas, criando um instrumento através dos materiais para dar vazão à essa linguagem interna que é construída a partir das significações sociais. Portanto, a arte:

surge inicialmente como o mais forte instrumento na luta pela existência, e não se pode admitir nem a idéia de que o seu papel se reduza a comunicar sentimentos e que ela não implique nenhum poder sobre esse sentimento (VIGOTSKI, 1999, p. 310).

A imaginação, a criação e a elaboração da vivência artísticas se encontram em alguns pontos no desenvolvimento humano: na expressão de uma vivência que é singular e universal ao mesmo tempo, com suas particularidades, suas mediações; a vivência da arte se coloca como uma forma superior de articulação psicológica, ela movimenta as emoções, os significados sociais, o dar sentido e as experiências não tornadas conscientes; o desenvolvimento da capacidade de utilização e criação de instrumentos é uma das habilidades presentes na elaboração artística; a elaboração artística constrói-se na situação social de desenvolvimento; as Funções Psicológicas Superiores desenvolvem-se a partir da capacidade de abstração, de integração das funções psicológicas, da instrumentalização, todos esses processos estão envolvidos no processo de imaginação e criação.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, André Andrade de.** Avaliação da microbiota bucal em pacientes sob uso crônico de penicilina e benzatina. 2009. Tese (Doutorado em Cardiologia) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- AKHUTINA, Tatiana.** L.S. Vigotsky y A.R. Luria: La Formación de la neuropsicología. Traducción: Yulia Solovieva y Luis Quintanar Rojas. *Revista Española de Neuropsicología*, p. 108-129, 2002.
- BACHELARD, Gaston.** *A poética do devaneio*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiane.** Vigotski e o Estudo da Psicologia da Arte: Contribuições para o Desenvolvimento Humano. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 1, p. 22-31, 2014.
- DANTAS, José Alves et al.** Regulação da auditoria em sistemas bancários: análise do cenário internacional e fatores determinantes. *Revista Contabilidade & Finanças*, São Paulo, v. 25, n. 64, p. 7-18, jan./abr. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1519-70772014000100002>.
- DURAND, Gilbert.** *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 6. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.
- _____. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FREIRE, P.** *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GONZÁLEZ REY, F. L.** Vygotsky's "The Psychology of Art": A foundational and still unexplored text. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 35, n. 4, p. 339-350, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752018000400002>.
- LURIA, A. R.** Vigotskii. In: VIGOTSKI, Lev Semenovitch; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 16 ed. São Paulo: Ícone, 2017. p. 21-38.
- LUCCI, Marcos Antonio.** A Proposta de Vygotsky: a psicologia Sócio-Histórica. *Revista de Currículo y Formación del Profesorado*, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2006.
- MARANGONI, Simone; ROSSI, Mariangela; ANAUATE, Carla.** A Gênese das Funções Nervosas Superiores no Cérebro e o Desenvolvimento da Personalidade. In: MARANGONI, Simone; VANDA, Cianga Ramiro (Orgs.). *Fundamentos da Neuropsicologia Clínica Sócio Histórica: a compreensão do desenvolvimento cognitivo e sócio emocional do humano*. 1 ed. São Paulo: Editora IPAF, 2012. p. 12-26.
- MORAIS, Caio Pereira Gottschalk; SOLOVIEVA, Yulia; BORGES, Camila.** Aplicabilidade do Conceito de Fator para a Neuropsicologia Infatil: Segundo A. R. Luria. *Revista Brasileira de Pesquisa Sócio-Histórico-Cultural e da Atividade*, v. 4, n. 1, [s. p.], 2023. ISSN 2596-268X.
- NOBRE, A.; MARTIN-FERNANDES, I.** Abrir caminhos para a investigação em educação: design-based research. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 234-254, out./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.8821>.
- OLIVEIRA, Betty.** A Dialética do Singular-Particular-Universal. In: ABRANTES, Angelo Antonio; SILVA, Nilma Renildes da; MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. *Método Histórico-Social na Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 2005. ISBN 85.326.3129-0.



PITTA, Danielle Perin Rocha. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017.

SAVIANI, D. Educação, práxis e emancipação humana. *Práxis e Hegemonia Popular*, v. 2, n. 2, p. 5-20, jul. 2017. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/PHP/article/view/10542/6556>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SILVA, Daniele Nunes Henrique; MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão.

Resumo do autor. In: MOREIRA, Maria Ignez Costa; SOUSA, Sonia M. Gomes (Orgs.). *Psicologia Socio-Histórica: bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 488 p., 2022. ISBN 978-65-89488-05-7.

TOASSA, Gisele. Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural. 2009. 348 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em:

<https://repositorio.usp.br/item/001793012>. Acesso em: 13 mar. 2025.

TULESKI, Calvo Silvana; CALVE, Tiago Morales; SANTOS, Ana Carolina

Viana dos Santos. A Unidade Funcional do Psiquismo Humano: princípios e método de análise com Histórico-Cultural. In: FIRBIDA, Fabiola Gomes Batista; FACCI, Marilda Gonçalves Dias; BARROCO, Sonia Mari Shima (Orgs.). *O Desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores na Psicologia Histórico-Cultural: contribuições à psicologia e à educação*. Uberlândia: Navegando Publicações, 194 p., 2021.

VELOSO, Caetano. *Força estranha*. Interpretação de Gal Costa. [S.l.]: PolyGram, 1979. LP.

VIGOTSKI, L.S. *A Brincadeira e o seu Papel no Desenvolvimento Psíquico da Criança*. Tradução: Zoia Prestes. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*, p. 23-36, jun. 2008. ISSN: 1808-6535.

VIGOTSKI, L.S. *Imaginação e Criação na Infância: ensaio psicológico*.

Comentários: Ana Luiza Smolka. Tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 135 p., 2009. ISBN 978-85-08-12611-8.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Título original: *Psijologuiia iskusstva*. ISBN 85-336-1003-3.

VYGOTSKI, L.S. *Obras Escogidas III: Incluye Problemas del Desarrollo de la Psique*. Madrid: Visor, 2 ed., [s.p.], 2000. ISBN 84-7774-115-8.

Submetido em: 22/05/2025

Aceito em: 23/12/2025

ⁱ Vigotski, L.S.. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ⁱⁱ Vigotski, L.S. *Imaginação e Criação na Infância: ensaio psicológico*. Comentários: Ana Luiza Smolka. Tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 135 p., 2009.

ⁱⁱⁱ As Funções Psicológicas Superiores se desenvolvem histórica e socialmente, levando em conta a própria evolução como ser humano, na possibilidade de transformação da natureza, internalização dos signos psicológicos e capacidade de criar instrumentos (Marangoni; Rossi; Anauate, 2012).

^{iv} “Conceito” a partir da definição criada por Vigotski (2001) em *A Construção do Pensamento e Linguagem*, em como desenvolve-se o pensamento humano ao longo das crises de desenvolvimento, de

forma que o pensamento por conceitos seria caracterizado a partir da formação de um novo conceito sobre a realidade, de forma a mobilizar o pensamento abstrato. Ou seja, “o conceito não é tomado em seu sentido estático e isolado mas nos processos vivos de pensamento, de solução do problema, de sorte que toda a investigação se divide numa série de etapas particulares, cada uma das quais se incorpora os conceitos em ação, nessa ou naquela aplicação aos processos de pensamento” (Vigotski, 2001, p.160).

^v “Inconsciente” aqui como experiências não tornadas conscientes e passíveis de serem trazidas à tomada de consciência.